

NILISMO E MAL ESTAR NA PROFISSÃO DOCENTE

Káthia de Paulo Moura¹

Prof. Dr. Carlos Betlinski²

RESUMO: O presente artigo analisa o tema da formação profissional de professores com foco no niilismo e no mal estar docente. Como problema que nos guiou nessa investigação elege-se a seguinte pergunta: o pensamento sobre estética de Nietzsche poderá ser aplicado para a superação do niilismo e do mal estar docente? Temos como objetivos identificar a presença de aspectos ou características niilistas que geram o mal estar docente e propor estratégias de afirmação de valores estéticos para a superação dessa condição que afeta a profissão docente. Justifica-se trabalhar com o tema na perspectiva Estética Nietzscheana, o fato de se observar a presença de desânimo, da decadência da formação cultural, da desesperança dos profissionais da educação que atuam nas instituições de ensino, e que, não encontram motivação para realizar o seu trabalho com satisfação diante aos vários desafios encontrados por eles no cotidiano escolar. A investigação foi do tipo exploratória, o método foi a hermenêutica, ao qual pudemos contar com o auxílio de alguns pensadores como Friedrich Wilhelm Nietzsche e Theodor Adorno, que nos proporcionaram uma análise educacional dos fenômenos anteriormente abordados e que ainda estão presentes nos tempos atuais.

Palavras chave: Niilismo. Ressentimento. Mal estar docente. Formação cultural. Nietzsche.

ABSTRACT: This article analyzes the theme of teacher training with a focus on nihilism and teacher malaise. As a problem that guided us in this investigation, the following question was chosen: can Nietzsche's thinking about aesthetics be applied to overcome nihilism and teacher malaise? We aim to identify the presence of nihilistic aspects or characteristics that generate teacher discomfort and to propose strategies for affirming aesthetic values to overcome this condition that affects the teaching profession. It is justified to work with the theme in the Nietzschean Aesthetic perspective, the fact of observing the presence of discouragement, the decadence of cultural formation, the hopelessness of education professionals who work in educational institutions, and who do not find motivation to carry out their work with satisfaction in the face of the various challenges encountered by them in everyday school life. The investigation was exploratory, the method was hermeneutics, to which we were able to count on the help of some thinkers such as Friedrich Wilhelm Nietzsche and Theodor Adorno, who provided us with an educational analysis of the phenomena previously addressed and that are still present in current times.

Keywords: Nihilism. Resentment. Poor teaching. Cultural formation. Nietzsche.

¹ Graduanda do 9º período do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), e-mail: kathia.paulo@estudante.ufla.br.

² Professor Doutor orientador do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras.

1. Introdução

O presente texto aborda o tema do Nihilismo a partir da perspectiva Nietzscheana e sua relação com a formação da profissão docente da Educação Básica. Nesse sentido, a pesquisa procurou identificar algumas características existentes no contexto escolar, tendo como base o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche que nos possibilitou algumas interpretações sobre a presença dos sintomas do Nihilismo cultural e mal estar docente no contexto da atividade educacional.

Como problematização que guiou nossa investigação propomos a seguinte indagação: o pensamento sobre estética de Nietzsche poderá ser aplicado para a superação do nihilismo e do mal estar docente? Pretende-se identificar e examinar alguns sintomas do nihilismo cultural e que estão diretamente relacionados com a profissão docente, visto que, muitas vezes os percebemos no comportamento e na prática dos professores, entre outros, já poderíamos apontar a falta de sentido na profissão, descrença em si mesmos, falta de disposição para lutar e dominar as forças adversas, desmotivação para realização do trabalho e inexistência da criatividade na profissão e descaso pela formação de si.

Os objetivos específicos da investigação foram assim definidos: identificar comportamentos e condutas que demonstram a presença do nihilismo cultural e o mal estar docente e, examinar alguns sintomas dessa condição assumida no exercício da profissão e que se manifestam no cotidiano educacional e, a partir disso, propor estratégias e valores estéticos como possibilidades de superação desse nihilismo.

A pesquisa é do tipo exploratória e tem como abordagem do tema e sua análise o paradigma qualitativo de investigação. Dessa forma, analisamos o tema de modo a nos familiarizarmos com as questões abordadas e a relação existente entre os fenômenos presentes no meio social e o comportamento humano diante deles, além disso, levantamos mais informações sobre o assunto por meio de pesquisa bibliográfica, a fim de apresentar resultados qualitativos de modo a contribuir para a construção e produção de conhecimento. O método utilizado foi a Hermenêutica, tendo como base a interpretação dos textos filosóficos considerando seus contextos, a fim de compreender os conceitos em obras clássicas da filosofia e depois a dedicação para tornar alguns conceitos e problemas anteriormente abordados pelos

autores presentes em nossa realidade. Dessa forma, entendeu-se que os fundamentos estéticos da filosofia nietzschiana ainda são potentes e adequados para tratar o tema em questão.

Na obra “*A Genealogia da Moral*”, o filósofo argumenta que a moral é tida como uma espécie de juízo de valor, nesse caso, quando trazemos uma nova perspectiva sobre essa questão é possível alcançarmos novas concepções morais, portanto, a cada interpretação, novos valores podem surgir, podendo um conceito de moral influenciar o outro à medida que haja interação e diálogo entre eles, sendo que nessa relação entre sujeitos o tipo forte cria e nomeia valores, enquanto o fraco o segue e reproduz sem a capacidade de agir por si só.

Os professores atuantes na Educação Básica se veem frustrados em meio a várias tentativas externas governamentais ou por influências da ideologia mercadológica de culpabilizá-los e responsabilizá-los pela situação de indicadores de qualidade da educação escolar.

As políticas públicas de formação docente são de forma centralizadas e tecnicamente direcionadas pelos órgãos centrais dos sistemas educacionais da educação básica e quase sempre intencionam o controle do trabalho e sua avaliação por meio de dispositivos que ignoram os docentes como sujeitos ativos e responsáveis diretos por pensar a própria formação e por fazer escolhas curriculares e pedagógicas pautadas em suas experiências profissionais e conectadas com a realidade educacional em que estão inseridos. Como essas políticas públicas não têm como foco a experiência docente e sua formação cultural, os resultados do trabalho pedagógico quase sempre são frustrantes e sem sentido para os docentes, o que gera um círculo vicioso de grande sentimento de desânimo que toma conta desses profissionais e que normalmente os coloca em situação de ressentimento que impede o estabelecimento do trabalho como fundamento à vontade de potência, ao exercício das forças criativas e à hierarquização pulsional tendo em vista uma potencialização da vida.

Podemos perceber que existem muitos desafios referentes à formação de pedagogos e licenciados a partir da responsabilização pelo próprio processo de formação que lhes possibilite a atuação na educação básica, mas que prioritariamente possa fortalecer o espírito e consolidar a formação cultural de si, e aqui já estamos falando de uma perspectiva de Foucault (2014) que, para além do imperativo do cuidado de si na perspectiva ética e estética, propunha as condições para o bom governo de si e dos outros.

O que é percebido durante a formação pedagógica, é que os aprendizes tendem a observar e reproduzir os conhecimentos até então acumulados e legitimados como certos, atitudes essas de professores que não valorizam sua formação intelectual e que tendem a apenas

executar ações que um dia foram observadas, reforçando ainda mais os valores, comportamentos e ideologias dominantes, sem se quer uma análise crítica.

Uma questão acerca dos valores dominantes no contexto educacional pode ser observada a partir do olhar do filólogo alemão e, nesse sentido, compreende-se que, para o autor, existe uma estima da compaixão e a crença na moral, e para ele se faz necessário uma crítica e desconfiança das circunstâncias as quais nasceram determinados juízos de valores. Tais valores nos levam a ter uma percepção positiva sobre a vida nos fazendo reagir frente aos desafios por nós impostos ou nos levam à reprodução de ações que nos movem à inércia e à esperança de que alguma força exterior possa agir sobre os indivíduos a fim de transformá-los.

Meireles (2013) descreve que na filosofia Nietzscheana existem duas tipologias acerca do animal homem, caracterizando-os como fortes ou nobres, sendo que os fortes são aqueles capazes de superar a si mesmos e encontrar sentido na vida mesmo ela apresentando-se trágica, e os fracos ou escravos são os que ficam sujeitos aos processos de dominação terrena acreditando em uma liberdade pós vida, tornando-se ressentidos e desesperançosos frente aos fenômenos decorrentes da vida natural. Nesse sentido, o autor nos propõe uma elevação dos seres do tipo fraco como estratégia de superação dos desafios frente a vida, refletindo sobre as questões humanas em busca de valores morais decorrentes da vida humana.

Para Nietzsche, a essência do universo é a mudança, o estado natural do ser humano é viver em meio a superação do caos proveniente da crise existente entre os valores, se não existe uma verdade absoluta, então existem conceitos, e por traz deles não há nada, então cabe ao ser humano criar os seus próprios valores, uma vez que, eles variam conforme a época, e dessa forma o homem sábio seleciona qual verdade é mais adequada para cada momento. Diante de tais apontamentos podemos refletir: qual moral pode apresentar-se como direcionadora da ação pedagógica? Quais seriam os sintomas dessa moralidade? O ressentimento e o niilismo como adoecimento estão presentes na profissão docente? Quais são os sintomas percebidos e as consequências desse adoecimento psicológico e fisiológico?

A justificativa para se trabalhar este tema na perspectiva estética nietzscheana tem como ponto de partida o fato de ser observado no contexto escolar a presença de um ressentimento e um mal estar docente, mal estar que vai desde a relação professor/a/professor/a, assim como para docente/discente, atravessando as relações com a comunidade escolar, sociedade e sistema educacional.

No cotidiano educacional encontramos muitos problemas que afetam diretamente na aprendizagem dos estudantes e que, por não serem problemas palpáveis, são ignorados e deixados às margens sem nenhuma solução, o acúmulo e a sobrecarga sobre os/as

professores/as se convertem em sentimentos de desespero e desesperança no interior das instituições de ensino. Nesse sentido, tem-se como resultado profissionais cada vez mais desmotivados contribuindo para uma formação deficiente dos/as estudantes, acarretando em elevados índices de evasão e fracasso escolar, no qual a gestão não consegue detectar os reais motivos de tamanha deturpação no ambiente educacional. Com isso, a pesquisa se torna relevante ao passo que, ao analisarmos quais as possíveis motivações para o mal estar docente presente no contexto educacional, possamos por fim, pensar estratégias a fim de supera-lo.

Espera-se, a partir deste trabalho, contribuir para a formação de professores de modo que eles possam, mediante sua formação intelectual, criar seus próprios valores realizando um trabalho que seja significativo para os estudantes atendendo as demandas educacionais e sociais, utilizando a arte como ferramenta para a superação dos desafios encontrados na profissão docente e como fonte de potencialização do espírito frente ao cenário trágico presentes no contexto educacional.

Trabalhar o tema Niilismo no contexto educacional nos leva a refletir a importância de observar o conjunto de elementos que proporcionam tamanho mal estar na profissão docente, analisando quais as possíveis formas de reversão dessa situação, amenizando os efeitos sociais que eles trazem sobre a vida do homem em sociedade e ver na educação continuada a fonte que poderá proporcionar ao professor(a) percepções éticas, estéticas e políticas sobre sua atuação e seu papel na formação humana.

Ao analisarmos os problemas educacionais presentes nas instituições de ensino na atualidade pretende-se, em um primeiro momento, definir niilismo sob a perspectiva do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, em um segundo momento, estabelecer as relações entre niilismo e mal estar docente, em um terceiro momento é abordado o ressentimento na conduta profissional, e por fim apresentamos, de forma especulativa, algumas possibilidades de superação dos problemas e da condição do mal estar docente fortemente visualizados em nossos dias.

2. Metodologia

A pesquisa é do tipo exploratória e tem como abordagem do tema e sua análise o paradigma qualitativo de investigação. Dessa forma, analisamos o tema de modo a nos familiarizarmos com as questões abordadas e a relação existente entre os fenômenos presentes no meio social e o comportamento humano diante deles, além disso, levantamos mais informações sobre o assunto por meio de pesquisa bibliográfica, a fim de apresentar resultados

qualitativos de modo a contribuir para a construção e produção de conhecimento. O método utilizado foi a Hermenêutica, tendo como base a interpretação dos textos filosóficos considerando seus contextos, a fim de compreender os conceitos em obras clássicas da filosofia e depois a dedicação para tornar alguns conceitos e problemas anteriormente abordados pelos autores presentes em nossa realidade. Dessa forma, entendeu-se que os fundamentos estéticos da filosofia nietzschiana ainda são potentes e adequados para tratar o tema em questão.

3. Fundamentação Teórica

3.1 O Nihilismo, ressentimento e o mal estar docente

Analisando a literatura, pode-se encontrar contribuições de alguns autores e autoras sobre o processo de formação cultural, e ao trazermos sobre elas uma interpretação educacional ampliamos as possibilidades de trazermos novos olhares sobre questões pouco abordadas mas que estão presentes no cotidiano educacional e que impedem o avanço na formação profissional ou até mesmo seu apequenamento.

Foram encontradas na literatura hipóteses lançadas por Friedrich Nietzsche, a partir da observação da cultura, em que o autor considera a moral como algo já dado, e que, para ele, os valores por nós adquiridos deveriam ser algo construído pelo próprio sujeito a partir de seus próprios preceitos, e não algo mastigado que deva ser por todos reproduzido.

Para Nietzsche (2009), o fraco³ não tem coragem para modificar algo que já está consolidado, com isso o cristianismo traz a partir do Nihilismo⁴ um consolo para eles, criando sua própria moral, convencendo os bons que eles são maus causando sua acomodação, potencializando a vitória da moral dos fracos, dos ressentidos, mostrando a direção que a civilização está tomando, direção esta que reforça cada vez mais a moral dos “escravos”.

Diante de alguns apontamentos realizados pelo autor, fica evidente que quando tomamos algo que não nos faz sentido ao pensamento, mas que mesmo assim nos apropriamos

³ A expressão moral dos fracos é utilizada por Nietzsche de modo a corresponder aos modos de ser daqueles que se submetem a uma regra estabelecida, que não criam nem modificam, pois não se sentem capazes de transformar algo (NIETZSCHE, 2009, p. 5).

⁴ Nihilismo na perspectiva Nietzscheana é a expressão dada ao autor para aqueles aos quais ele considera possuir crenças e valores infundados e que não trazem sentido à vida (NIETZSCHE, 2009, p. 4).

sem se quer uma análise crítica sobre tal valor, estamos reforçando um estigma de escravidão e aceitação de algo por nós impostos, possibilitando assim um devir trágico.

“A perspectiva trágica da vida consiste na aceitação que a existência não é mais do que a sucessão ininterrupta de momentos passados, uma coisa que vive de negar-se a si mesma, de destruir-se a si mesma” (BETLINSKI, 2013, p. 296).

Sabemos que muitos problemas encontrados no cotidiano escolar permanecem devido ao comodismo e reprodução da ação não reflexiva nesses locais, e que muitas questões no interior das instituições pedagógicas devem ser analisadas e refletidas, ou até mesmo criticadas.

Trata-se de mostrar como a crítica da cultura deixa evidente uma tensão fundamental entre valores, normas e casos que perpassa o próprio conceito adorniano de crítica da razão. Não foram poucos aqueles que viram nas estratégias adornianas de crítica os impasses de uma perspectiva que acaba por se voltar contra os critérios normativos que ela deveria assegurar, perpetuando, no máximo, um movimento infinito ruim feito de negações determinadas. Não seria este, afinal, o sentido de afirmações de Adorno como: “A crítica não é injusta quando destrói – esta seria sua melhor qualidade -mas quando, ao desobedecer, obedece”? (SAFATLE, 2009, p. 21).

Os autores trazem ao longo do trabalho, questões referentes à superação do Nihilismo, de modo a propor a crítica como ferramenta essencial para a transformação do ser humano construindo seus próprios preceitos e valores, de modo a alcançar a potencialização da vida.

Na primeira seção, abordamos as preposições do nihilismo em Nietzsche e trataremos uma perspectiva educacional para verificar se é possível detectar a presença do nihilismo nos ambientes educacionais, e investigar quais as possíveis causas de sentimentos de crise e mal-estar presentes no cotidiano escolar e na conduta docente, e para isso iremos apresentar as contribuições de comentadores Santos; Silva (2014), que anteriormente abordaram o tema do nihilismo nietzschiano como referência para compreender o fenômeno do mal-estar docente.

De acordo com a interpretação de Nietzsche, ao longo dos tempos alguns valores culturais foram se desconstruindo e novos valores foram surgindo, especialmente no século XIX em que o filósofo realizou um diagnóstico de seu tempo e anunciou que Deus está morto⁵, e que foram os próprios homens que o mataram. Essa expressão revela a mudança de mentalidade dos homens e a transformação de certos valores anteriormente vinculados ao paradigma da moral cristã. O antropocentrismo e especialmente a consolidação do espírito capitalista e a ascensão da ciência alteram os valores que conduzem a vida em sociedade. Mas para o filósofo, tanto os conceitos e valores referentes à igreja, quanto à ciência não foram

⁵ A morte de Deus é anunciada por Nietzsche na obra *A Gaia Ciência* em 1882.

capazes de aliviar o cansaço existente sobre os ombros dos homens, e por isso se faz necessário pensar novos caminhos que possam trazer algum tipo de alívio pela culpa dos erros e fracassos enfrentados por nós diante a vida.

Nesse contexto, ele propõe a filosofia do pensamento trágico⁶ como forma de interpretar a existência e a vida em sociedade. E, além disso, ele diagnosticou a sociedade de seu tempo designando-a de ressentida e niilista e especialmente abordou esses temas em seu livro “Genealogia da moral” a partir da metáfora da moral dos nobres e moral dos escravos. Demonstrou duas tipologias humanas caracterizando os nobres como aquela tipologia humana que exerce a força para dominar, cria valores, luta e define estratégias para dominar seu adversário, além de estabelecer uma luta livre e caracterizada pela espontaneidade e pela alegria. Por outro lado, a tipologia humana do escravo é caracterizada como sendo uma internalização do sofrimento e do medo, um voltar-se para a interiorização do eu, pela alimentação do sofrimento, da má consciência e espírito de vingança. Aqui a força é exercida para o interior, numa espécie de alimentação do ódio direcionado para um inimigo externo, supostamente para alguém que impede de ser criativo, espontâneo e livre.

Quando nos deparamos com o interior dos estabelecimentos de ensino, é comum que percebamos esse cenário decadente, é visível os impactos causados pela perda da sustentação de valores que aparecem principalmente quando a teoria se afasta da prática no cotidiano educacional, desencadeando um sentimento de fracasso e crises em meio aos profissionais.

Em 1888, Nietzsche (1844-1900) já havia sinalizado um estado de crise, representando uma “crise dos sentidos” ao que denominou de “niilismo”, que seria um fenômeno resultante da derrocada de valores fundamentais da cultura, que insidiam diretamente em questões relativas ao sentido da vida, do trabalho, do conhecimento, das convicções, etc. (SANTOS; SILVA, 2014, p. 4).

Conforme Santos e Silva (2014), o Niilismo passivo se apresenta como uma negação de toda e qualquer esperança de que as coisas podem dar certo, que os problemas tem alguma solução, ou seja, apresenta-se na forma mais pessimista possível. Ao considerarmos o Niilismo sobre uma perspectiva positiva, podemos nos atentar pelo fato de que não há verdades absolutas do ponto de vista crítico, então é possível criar novos valores para novos tempos, e que no sentimento de ressentimento profissional também há a possibilidade de superação. A

⁶ Trágico aqui, se refere à capacidade tanto de criação quanto de destruição, a vida e a morte, da capacidade máxima de alternância entre as oposições (BETLINSKI, 2013, p. 293).

perspectiva estética Nietzscheana nos propõe que diante ao enfrentamento dos problemas, possamos ter uma maneira poética de enfrentar os percalços da vida, desenvolver vontade de potência a fim de superá-los, nesse sentido, possamos estar diante de um Niilismo ativo, aquele que nos propõe um tempo novo, o pós-niilismo, em que todo o sentimento de sem-sentido seja transformado em atos afirmativos de ressignificação de sentidos, porque segundo Santos; Silva (2014, p.143), “diante de toda essa ruína e decadência, o que resta é um cenário vazio, onde prevalecem as incertezas, e a certeza de que nenhum valor cultural ocidental se sustenta sobre seus próprios pilares”. E esse é um dos fatores desencadeadores de frustração frente aos desafios enfrentados pelos professores/as na realização de seu trabalho no cotidiano educacional, deparar-se com situações que não foram previstas em lugares e contextos que não foram planejados, e a prática se desvazia totalmente de sentido.

Professores com vontade de potência adoecida, que perderam o sentido do ofício, imersos na decadência dos valores educacionais, das teorias e do próprio sistema, esse é o cenário educacional em que emerge o mal-estar docente no século XXI (SANTOS; SILVA, 2014, p. 146).

Para os estudiosos, a metafísica⁷ tende a criar verdades universais sobre determinados assuntos, inclusive no campo educacional, de modo que, tal verdade possa ser adaptada a qualquer situação que possa ocorrer, mas o que se percebe é que o ambiente educacional é muito dinâmico, e as escolas, em especial as públicas, são frequentadas por estudantes das mais variadas regiões, e inclusive dos mais variados contextos, que compartilham de experiências, culturas e vivências distintas, e que cabe ao professor/a oferecer um ensino situado, de modo que possa atender as demandas educacionais de acordo com o contexto que se faz presente, porque “Nietzsche considera que existem várias perspectivas de uma mesma verdade” (SANTOS; SILVA, 2014, p. 147), e o ensino proporcionado em um contexto pode, em sua maioria, não se adequar a outros.

Diante disso, entendemos que a eleição de uma teoria como a verdade que guia as práticas em educação está arruinada. Sua decadência é anunciada primeiramente pelo próprio desafio prático do professor, quando verifica que as teorias não são verdades universais, que são impossíveis de serem aplicadas em diferentes contextos, e que os resultados permanecerão sempre indeterminados, pois as variáveis subjetivas dos atores envolvidos não podem ser contempladas em um conhecimento teórico (SANTOS; SILVA, 2014, p. 9).

⁷ Metafísica no aristotelismo é a reflexão a respeito da natureza que tende a fornecer um fundamento para toda e qualquer ciência (SANTOS; SILVA, 2014, p. 147).

O que é percebido é que quando a ciência não dá conta de atender a ampla demanda presente nos vários contextos educacionais, a prática educativa começa a dominar as ações pedagógicas, por isso é muito importante olharmos para as teorias de forma crítica e autônoma, tendo essas como umas das perspectivas possíveis a serem utilizadas em determinados contextos, e não como uma fórmula que deva ser aplicada a todos os estudantes de forma padronizada.

Para Santos e Silva (2014), perceber as estruturas da metafísica abalada não significa que o professor exerce sua profissão sem uma rota, mas que, pela existência do niilismo presente no meio educacional proporcionado por crises frente a desafios que colocam à prova sua formação pedagógica, os docentes se veem obrigados a se adaptarem de modo a viver em um constante devir a ser. Quando nos apoiamos em uma só verdade é natural que a crise se instale em momentos que ela não se adegue, é preciso nos atentarmos para o fato de que, se acreditarmos que uma só teoria possa orientar nossas ações, estaremos negando a possibilidade de crescimento e superação dos desafios por nós impostos.

Contudo, os autores afirmam que o Niilismo é um sentimento desanimador que se apresenta em vários momentos na vida dos profissionais da educação frente aos vários desafios encontrados por eles, mas é por meio dele que o ser humano encontra motivos para enfrentar os desafios e razões para se pensar novas formas de superação e resolução de seus problemas.

3.2 Mal estar docente e a formação cultural

Nesta segunda seção, iremos problematizar a relação do mal-estar docente e a formação cultural no contexto educacional, de forma a investigar como os docentes se comportam diante ao mal-estar presentes nas instituições públicas de ensino frente a existência de inúmeros problemas e condições as quais os professores precisam enfrentar em seu cotidiano.

Sabemos que os conflitos existentes em meio às práticas educativas sofrem influência dos valores culturais presentes no interior das instituições de ensino e controlam também as ações pedagógicas. “Dessa forma, tudo o que exerce influência negativa na personalidade do professor e que decorre do exercício da profissão é considerado como desencadeador do sentimento de mal-estar” (SANTOS; SILVA, 2014, p. 3).

Frade⁸ (2019) afirma que vivemos em um mundo capitalista, e por isso vemos a cada dia a valorização do processo de produção do capital e a desvalorização da produção do

⁸ FRADE, Elaine das Graças. **Textos e contexto do simpósio de pesquisa em educação**. 1ª. ed. Lavras: Center Gráfica / Editora Indi, 2019. v. Único. 153p.

conhecimento, nesse sentido, observa-se muitas dificuldades encontradas pelos profissionais da educação de continuarem seu processo de formação em meio a tanta desvalorização dessa classe, e alguns fatores são responsáveis por intensificar e desencadear tais dificuldades nesse campo.

Esteve (1999), por sua vez, afirma que o mal-estar docente é desencadeado, principalmente, pela precariedade de recursos materiais e condições de trabalho, pela violência nas instituições escolares e pela acumulação de exigências sobre o professor, o que vai ao encontro da análise de Nóvoa (1999), que destaca a desvalorização social e profissional da classe, a pobreza das políticas educativas diante do excesso da retórica política e a pobreza dos programas de formação de professores como desencadeadores do mal-estar docente (SANTOS; SILVA, 2014, p. 3).

É possível perceber um mal-estar entre os profissionais da educação a partir de condutas que demonstram presença de cansaço e fuga, como visitas constantes aos médicos e licenças intermináveis, um cenário desmotivador entre conversas nos corredores e salas de professores/as, pouca participação e desvalorização do processo de formação continuada, distanciamento das questões referentes a Gestão Educacional e entre tantas outras que podem ser observadas em seu dia a dia, e tudo isso podem ser frutos resultantes de crises na profissão que colocam em dúvida o real sentido da ação pedagógica, levando muitos professores ao desânimo e descrença profissional.

Mas alguns pesquisadores acreditam que esse mal-estar pode ir para além das paredes das instituições de ensino, e nos trazem algumas contribuições com base na crítica da própria cultura que é instaurada no interior das instituições públicas de ensino e até mesmo na própria civilização.

Segundo Safatle (2009), sob perspectiva Adorniana, a justificativa do mal estar⁹ na civilização se dá a partir da cultura que a constitui, e devido a ela, encontramos um estado de tensão entre os valores e normas estabelecidos na sociedade, e fica uma impressão de que quando criticamos a cultura estamos negando-a, mas segundo o filósofo, a razão é uma forma de manifestação de poder ideológico no meio social, e a crítica se apresenta como uma forma de submetê-la a uma validação, por isso a crítica não deveria ser vista como algo negativo, uma vez que, a partir dela é possível produzir novos pontos de vistas analisando e problematizando de forma dialética os valores a nós impostos.

⁹ Mal-estar cultural, termo designado por Sigmund Freud para se referir ao sentimento causado ao sujeito pela repressão dos desejos reprimidos em meio à civilização (SAFATLE, 2009. p. 26).

Na verdade, não serão poucos os momentos nos quais Adorno parecerá disposto a afirmar que a *atividade da negação* deve aparecer como o fermento da verdade da cultura e do esclarecimento, como se a atividade da negação fosse, de maneira essencial, a verdadeira manifestação de um conceito crítico de razão (SAFATLE, 2009, p. 23).

No entanto, compreendemos que a crítica exige reflexão e discussão acerca de algumas ações pedagógicas realizadas no interior das instituições de ensino, pois percebemos comportamentos entre os profissionais da educação que apenas executam uma ação como forma de ceder à pressão que recai sobre suas práticas educacionais. A crítica é uma maneira correta de se distanciar de certos valores e a melhor maneira de se alcançar a construção de novos, porque muitos profissionais abraçam totalmente uma teoria educacional sem se quer uma reflexão sobre o porquê estão a executá-la, no entanto a crítica não deve ser vazia, ela precisa ser acompanhada de um fundamento ideológico, porque ao contrário, ela cairia na utopia.

Uma forma de construirmos novos conceitos, seria a partir de uma análise crítica e dialógica sobre as experiências vivenciadas no cotidiano das instituições de ensino. Para Safatle (2009, p. 26), “internalizar o sentido da experiência significa, para Hegel, estruturar relações conceituais através das inversões que a efetividade impõe ao conceito”, portanto, a experiência reordena os conceitos a nós apresentados e dessa forma os conceitos seriam formados a partir da compreensão dos fatores envolvidos nos processos educacionais, e não simplesmente a submissão a normas e regras impostas pelos sistemas de ensino que não conseguem visualizar os problemas que estão presentes ocultamente e são sentidos no dia a dia pelos profissionais da educação.

Diante a realidade trágica¹⁰ vivenciada pelos profissionais da educação frente as experiências mal sucedidas e as várias problemáticas presentes no dia a dia educacional, que impedem o sucesso profissional dos professores(as) e o desempenho qualitativo dos estudantes, possamos pensar a estética como ferramenta essencial em meio criar alternativas que possam auxiliar na superação de tais dificuldades encontradas na profissão docente.

Para Meireles (2016), há uma possibilidade do homem se redimir dos erros e superar os fracassos presentes em sua vida, e essa se daria partindo de uma forma artística de enxergar o mundo, porque segundo o autor é necessário que haja uma leitura crítica sobre as tentativas frustrantes emergentes aos erros cometidos rotineiramente decorrentes das atividades humanas.

¹⁰ Realidade trágica em Nietzsche se refere a uma forma de interpretação do mundo, reconhecendo impulsos Apolíneos e Dionisíacos de forma integrada (MEIRELES, 2016, p. 94).

O cristianismo nos apresenta uma moral com base na redenção humana, de modo a encorajar-nos à decadência, ao “ressentimento contra o passado, a incapacidade de se liberar de um acontecimento que está na base do espírito de vingança” (MEIRELES, 2016, p. 94), fazendo-nos acreditar na impotência perante a vida.

A perspectiva da transvaloração¹¹ de valores demanda um olhar para além do que se apresenta, enxergando nas circunstâncias possibilidades de superação do Niilismo, que se apresenta como um nada, como uma definição humana. Superar diariamente o Niilismo é entender que o sujeito é algo que está em constante processo de formação, é o que está por vir, um sujeito não acabado capaz de pensar e criar formas de superar a si mesmo e aos seus fracassos, acreditando na potencialidade humana que se aflora guiada pela genialidade.

Na obra “*A Genealogia da Moral*”, o autor nos apresenta algumas críticas referentes à moral cristã que demanda ao sujeito o controle sobre suas pulsões e desejos, reprimindo sua vontade, voltando-se contra seus instintos mais naturais e à própria vida. É preciso que o homem se redima de si mesmo e de sua crença na salvação eterna, na crença de que a vida terrena se constitui apenas de sofrimento, é preciso que haja uma inversão de valores deixando para trás a moral que nega a vida valorizando a afirmação a ela, a vontade e os desejos, liberando o homem do ultra mundo, negando a moral Niilista, criando valores humanos, sendo fiel à terra e não ao além mundo.

Para o filósofo, o homem só alcançará um futuro promissor quando passar a refletir sobre suas ações, e a partir de uma crítica genealógica¹² romper com influência culturais e tê-las apenas como recordação de experiências que fracassaram e que se encontram agora soterradas. A perspectiva da transvaloração visa que os sujeitos possam superar o Niilismo e os antigos valores que os acorrentam ao passado direcionando-os aos erros, de modo a elevar o seu espírito e alcançar o seu potencial.

Segundo Meireles (2015), na filosofia Nietzscheana, para que o sujeito possa elevar seu espírito, é proposto um exercício frente a alcançar uma “cultura superior”, aquela em que se superioriza tornando o homem crítico e pensador das coisas referentes aos fenômenos da vida e a condição humana diante a natureza, desenvolvendo assim uma verdadeira formação que se daria a partir de uma “seleção e cultivo de si”, ou seja, somente os seres selecionados

¹¹ Transvaloração aqui diz respeito ao rompimento de valores impostos sob uma perspectiva de moral que se refere ao homem ideal e não ao real.

¹² Estudo Genealógico em Nietzsche consiste em uma análise sobre a gênese do conceito de sujeito bom e mal e fatores que contribuem para tal afirmação, considerando a relação entre dominantes e dominados nos processos civilizatórios. Nietzsche 2021.

alcançariam uma elevação do espírito capaz de romper com valores e imposições oriundas da formação proporcionada pela comunidade social, que proporciona instruções visando interesses utilitários para o estado e, diante de tal controlo do estatal, não seria possível uma reformulação nas instâncias culturais, o próprio indivíduo seria o responsável pela sua formação elevando de seu espírito.

O cultivo é expressado por Nietzsche como algo que possa ser melhorado e conservado, de modo que, a partir da sua multiplicação, esse *Übermensch* segundo Meireles (2016), possa ter sua cultura continuada. Os homens ao qual se submeteriam a esse processo de formação cultural com base na disciplina e cultivo de si se tornariam então seres superiores em relação aos demais, sujeitos esses considerados pelo pensador seres “domesticados” pela moral do homem bom, moral essa que impede o alcance de seu potencial.

Para que o sujeito alcance a elevação do espírito, o filósofo propõe algo diferente do que até o momento é operado pela cultura instrucional imediatista, apresentando-nos uma formação lenta que proporcionaria o desenvolvimento do senso crítico filosófico tornando o sujeito capaz de criar seus próprios valores e revisando seus princípios morais, “a tarefa da cultura na preparação do advento do além-do-homem¹³ é uma tarefa eminentemente moral” (MEIRELES, 2016, p. 372).

Meireles (2016) ressalta em seu artigo que a comunidade oferece uma formação rígida que sacrifica os indivíduos a fim de eles possam servir uma moral voltada aos costumes e tradições que se tornam cada vez mais difíceis de romper, porque é uma cultura baseada na moralidade de crenças, com princípios voltados à autonomia da reprodução, e a única forma da não submissão a essa moral, seria se tornar um membro respeitado na comunidade, algo como um curandeiro ou um legislador, nesse caso, vemos que a perspectiva da mudança de valores morais se tornam ferramentas essenciais para a formação cultural e a elevação do espírito.

É aqui que entendemos haver uma proximidade entre cultura seletiva e círculo da moralidade dos costumes, tomado, também, no sentido do cultivo de determinadas virtudes. Sob esse aspecto, arriscamos a hipótese de que as análises de Nietzsche sobre a moral, até *Genealogia da Moral*, tem como pano de fundo suas preocupações com o aspecto mais geral da cultura na medida em que sua crítica do homem moderno, o enfraquecimento do animal-homem, deixa transparecer a *décadence* cultural que ganhou ascendência na modernidade por meio das morais do ressentimento e da compaixão (MEIRELES, 2016, p. 372).

¹³ O além-homem é o sujeito que deixa de lado as crenças, valores, mitos, deuses, e a castração de desejos permitindo-se ao devir ser em um processo natural em busca da felicidade (MEIRELES, 2016, p. 374).

Essa cultura utilitária torna cada vez mais os sujeitos ressentidos, e por esse motivo Nietzsche nos propõe um novo sentido para a cultura, ou seja, uma cultura que proporcione a elevação do homem, pois a moral da compaixão e do ressentimento enfraquece-o impedindo que ele possa realizar um trabalho de seleção e cultivo cultural.

Diante de tal realidade decadente, o autor então nos propõe o cultivo de si como ferramenta para a autoformação, e isso só seria possível tendo como base uma formação voltada à elevação do homem, “não se trata de saber o que sucederá à humanidade na sequência dos seres (o homem é um fim), mas que tipo de homem deve-se cultivar, deve-se querer como de mais alto valor, mais digno de vida, mais certo de futuro” (MEIRELES, 2016, p. 374).

Nesse sentido, entendemos que para Nietzsche, a única forma de se alcançar a elevação do espírito seria a partir de uma formação autônoma baseada no cultivo de si, que proporcionará ao animal homem subverter os valores impostos pela comunidade ao qual pertence por meio da transvaloração de valores, sobrepondo os valores humanos sobre os cristãos que proporcionará a aceitação e afirmação da vida como ela é deixando para trás a moral baseada no auto sacrifício e na compaixão, cultivando uma nova moral, a valorização do homem como sujeito pertencente a vida terrena e responsável pelos fenômenos decorrentes a ela.

Segundo Dias (2020), nos processos de formação educacional, percebemos cada vez menos uma preocupação com o “conhecer-se e formar-se”, não existe uma expectativa de qualitativa dos processos educacionais, “espera-se uma rápida formação com o objetivo de formar indivíduos aptos a ganhar dinheiro, funcionários públicos eficientes e sem senso crítico” (DIAS, 2020. p. 57).

A educação com base em técnicas de reprodução não estimula os impulsos criadores em nossos alunos, apenas a imitação, a busca apenas pela educação formal. Para o filósofo, a educação e a cultura são processos que precisam estarem vinculadas à vida. A cultura é o que vai nos permitir o cultivo do próprio espírito, o autoconhecimento, e a busca da liberdade.

Em meio à decadência da cultura Europeia, ao niilismo⁵, Nietzsche busca uma saída para a crise. Ele desconstrói a metafísica, anunciando a morte de Deus⁶ e com ela toda uma moral judaico-cristã, baseada em valores de “tu deves”. Com essa desconstrução da metafísica, Nietzsche desconstrói também o racionalismo advindo desde Platão, fazendo uma substituição de um ideal metafísico do apolíneo para o dionisíaco. Dessa forma ele transfere ao homem a responsabilidade e possibilidade de constituir-se e autocriar-se (DIAS, 2020. p. 59).

Esse conceito de educação que temos atualmente, que visa a formação em massa, que supõe a aprendizagem de forma igualitária a todos com a imposição de um padrão de educação,

uma educação que desconsidera que os sujeitos possuem impulsos distintos e maturações desalinhadas, demonstrando a influência ainda dos métodos de ensino do cristianismo que perduram até os dias atuais nos processos educacionais. “Em sua crítica à cultura racional do ocidente, cujas bases se dão em valores antinaturais, o homem fica limitado em sua relação natural com seus instintos. Dessa forma não podendo desenvolver-se no homem suas características afirmativas e autônomas” (DIAS, 2020, p. 60).

Para o filósofo devemos nos questionar se a educação que estamos proporcionamos aos nossos alunos os permitem refletir e perceber o sentido e o valor da vida, se transformarem em seres críticos, criativos, uma formação que estimule o fazer artístico e individual de cada ser.

3.3 Fundamentos estéticos na conduta profissional e a superação do mal estar docente

Na terceira seção abordaremos o ressentimento na conduta profissional, considerando as perspectivas trágicas vivenciadas pelos profissionais da educação na profissão docente a partir das percepções de Carlos Betlinski, que nos traz algumas contribuições em seu artigo “*O devir trágico na educação escolar: especulações filosóficas aplicadas à educação a partir da concepção de tragédia em Nietzsche*”¹⁴, em que o autor discorre sobre a perspectiva de aceitação da vida como devir trágico de modo a encontrar maneiras de enfrentar o pessimismo do Nihilismo passivo em meio a superá-lo.

Segundo o autor, as experiências trágicas vivenciadas nas instituições de ensino são essenciais para se pensar formas de se evitar os fracassos no meio educacional, a partir de observações de experiências mal sucedidas vivenciadas no cotidiano, é possível se pensar maneiras para a superação e melhorias nas práticas educativas, pois, quando o profissional se depara com o ambiente escolar, percebe que alguns valores se encontram enraizados a partir de uma cultura organizacional presente no interior das instituições de ensino, e não encontram maneiras para modifica-los.

Acreditar no devir, ou seja, nas potencialidades de inovação, criação e de transvaloração do trabalho docente e das experiências curriculares a partir da experiência trágica poderá abrir uma nova perspectiva para interpretar e atuar na realidade educacional marcada por características como crueldade, beleza,

¹⁴ BETLINSKI, Carlos. O devir trágico na educação escolar: Especulações filosóficas aplicadas à educação a partir da concepção de tragédia em Nietzsche. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 291-313, abr. 2013.

sofrimento, júbilo, dor, alegria, temor, alegria, incerteza, amor fatii, tristeza e gratidão (BETLINSKI, 2013, p. 293).

Muitos profissionais da educação quando iniciam seus trabalhos nos ambientes educacionais ficam sujeitos a várias formas de violências, em um primeiro momento eles são menosprezados por sua pouca experiência de trabalho, e a partir de um movimento de rejeição são direcionados às salas mais difíceis de serem trabalhadas já que os professores/as com mais tempo de serviço, que já tem manifestada a observação da rotina e adequação de melhorias em sua didática de trabalho, não contribuem com aqueles que demandam de um maior tempo para qualificarem melhor sua ação pedagógica e, gozando de um privilégio de “escolher” as turmas pelas quais pretende realizar o seu trabalho, fazem injustas separações de turmas já demonstrando uma violência simbólica institucional, em que os alunos que apresentam maior rendimento acabam por serem os escolhidos deixando os que demonstram maior dificuldade de aprendizagem para os professores/as com menos experiência.

Em um segundo momento podemos perceber os professores que sofrem em seu ambiente de trabalho por conta da precariedade da estrutura física e material nesses espaços escolarizantes. As salas geralmente são muito cheias, a escola não fornece todo o material adequado para um ensino de qualidade, o mobiliário não atende as demandas tecnológicas necessárias para um bom trabalho de inclusão desses estudantes no meio social, sem falar dos baixos salários e desvalorização da profissão como um todo, nesse sentido é gerado um ressentimento profissional muito grande, com percepções de que as experiências produzidas nos ambientes educacionais são sempre trágicas e mal sucedidas.

Os problemas da educação escolar brasileira há muito são conhecidos e vão desde os vergonhosos salários pagos pelo Estado (motivadores de longas paralisações quase nunca reconhecidas e respaldadas pela sociedade brasileira), falta de planos de carreiras motivadores para os trabalhadores da educação, falta de suporte material e pedagógico, a falta de prestígio e reconhecimento social do professor, formação universitária deficitária e quase sempre marcada pela racionalidade técnica e utilitarista numa perspectiva servil do Estado e do mercado (BETLINSKI, 2013, p. 294).

Mas a partir de uma perspectiva estética¹⁵, espera-se que os profissionais da educação não se deixem guiar pelo pessimismo proporcionado pela organização estrutural portadora de tantas violências e experiências trágicas no cotidiano educacional, de modo que possam pensar novas possibilidades de superação desses problemas persistentes em sua volta e em sua prática

¹⁵ A vida enquanto fenômeno estético nos proporciona a possibilidade de criação e reinvenção dessa obra de arte ao qual nos tornamos criadores (MACHADO, 2001, p. 176).

pedagógica, e que por meio de uma atitude crítica e criativa alternativas sejam pensadas como forma de reversão desse cenário tão decadente que proporciona sentimento de tanto mal-estar entre os docentes.

Betlinski (2013), baseado em Machado (2001), introduz que o homem é um ser naturalmente propenso a mudança e construção de novos valores. A obra “*Assim Falava o Zaratustra*” citada pelos autores, apresenta-nos as transmutações propostas por Nietzsche entre camelo pra leão, e de leão para criança. Camelo por causa das corcovas que são os valores impostos sobre as nossas costas, leão por causa da velocidade em que destruímos esses valores, e criança porque somos um quadro branco pronto para ser preenchido, ou seja, aptos a encontrar os nossos próprios valores morais.

Ainda nesse empasse, percebemos a existência de três aspectos fundamentais para o desenvolvimento das potencialidades humanas, a condição de nascimento, essa em que o indivíduo ao nascer é influenciado por aqueles que o recebem, condição de vida, essa em que requer conflito constante entre as pulsões, e condição de morte, estado relativo de mudanças entre a condição de nascimento, superação de conflitos e busca de novos conflitos, ou seja, a vontade de poder requer caos pulsional, o sentido da vida é o acúmulo de forças para a superação da resistência.

Se pensarmos a formação de professores/as a partir de uma perspectiva crítica e uma visão ampla sobre todos os aspectos referentes à sua formação, logo vemos que os desafios são muitos, e que muitos profissionais acabam por desistirem da profissão ainda em processo de formação devido a tantas dificuldades existentes no processo para formar professores/as, mas é necessário que enfrentemos essas dificuldades e desafios, e a partir de um sentimento estético de enxergar a vida possamos superar a influência cultural de tendências tradicionais de ensino que ainda apresentam muita influência tecnicista de trabalho, que seguem princípios empresariais e utilizam da razão instrumental como ferramenta para o processo de desvalorização desses profissionais.

Mascello (2015) afirma que Nietzsche foi um pensador do século passado que tinha ideias utópicas sobre a realidade cruel do mundo, passava a maior parte de seu tempo afastado do convívio social, acreditava que as barreiras que lhe eram impostas durante a existência tinha o único objetivo, de que fossem superadas. Dedicou-se grande parte de seus escritos a fim de levar às almas sofridas um sentido para suportar as circunstâncias trágicas da vida. Considerado pessimista acreditava que para o refúgio da alma era necessário envenená-la, a fim de mascarar o verdadeiro destino humano com crenças e inverdades que o constringia.

No início de seus escritos, sua dimensão estética era voltada para a defesa da descoberta de como era a dinâmica do mundo, em um primeiro momento adotou uma impressão pessimista influenciado pelo pensamento Schopenhaueriano, mas logo em seguida admitiu seu próprio pensamento sobre essa questão.

Na obra “*Der Geburt der Tragödie*” (2006), o filósofo nos aponta problemas existentes no fundamento da estética, levantando hipóteses sobre uma possível reversão do destino trágico humano, apresentando-nos uma filosofia da arte ao qual ele afirma que encontramos “no culto da beleza o único refúgio contra a vida, à única possibilidade de paz” (MASCELLO, 2015, p. 134).

A vida é como um palco ao qual todos nós somos artistas, as coisas que acontecem são fenômenos que fazem parte de uma obra de arte suprema, e os sujeitos envolvidos nessa dinâmica se tornam artistas que tendem a cada circunstância trágica criar formas em meio a superá-la.

Saber apreciar a vida, observar que a perfeição existente na manifestação dos fenômenos naturais nos leva a contemplar quão perfeita a vida pode ser, e como os nossos próprios erros podem nos conduzir a busca pela melhora da qualidade de vida terrena. “O essencial de um ato estético é a criação de uma imagem interior, isto é, uma visão, um sonho do mundo exterior, não só daquilo que é mais belo, mas também daquilo que é mais imponente e doloroso na vida” (MASCELLO, 2015, p. 134).

Uma forma de se refugiar do pessimismo seria a contemplação da beleza da vida, simpatizando-se com todo o sofrimento ao qual perpassamos, entendendo que o sofrimento faz parte da natureza da existência, cuja faculdade é entendida pelo filósofo como “*apolínea*”, a capacidade de criar imagens da vida como ela é.

Faz-se necessário a inserção da arte como forma de superar as dificuldades presentes na existência infeliz humana, como preenchimento das necessidades às quais a vida nos impede de suprir, possibilitando que o sujeito possa sonhar, esquecendo-se, mesmo que por alguns momentos, o quão a vida pode se mostrar dolorosa, “A verdade é por si mesma inconsciente para recuperar a felicidade e o repouso” (MASCELLO, 2015, p. 135).

Todo espírito que sofre na vida, não pode descansar senão na serena aparência que lhe oferece a arte; a qual nos é dada a fim de que, pela tensão a que está sujeito o nosso espírito na ânsia das lutas quotidianas, não se nos quebre o arco da vida. Nada pode substituir a ação e a função calmante da arte; nem mesmo a verdade cujo valor Nietzsche contesta; nem a filosofia, nem o estudo da história (MASCELLO, 2015, p. 135).

Mascello (2015) reitera que a arte é capaz de transformar a sensação de derrota proporcionada pelos erros decorrentes da atividade humana, trazer a sensação de felicidade, unir o espírito humano a sua existência. O poeta por exemplo quando se lança a escrever sobre as derradeiras experiências vividas no campo amoroso, ou perante as experiências trágicas da vida, transforma todo o sofrimento em poesia a fim de expulsar e demonstrar aos demais toda a inquietação existente no interior de sua alma, ressignificando seu sofrimento em forma de arte. A arte aproxima o sujeito de seu destino no mundo, trazendo na poesia a possibilidade de compartilhar as diversas aflições com outras almas trazendo um consolo a elas.

Contudo em muitas de suas obras o pensador deixa evidente algumas críticas à educação de sua época que ainda são pertinentes aos dias atuais, a educação tem de fato nos levado a uma valorização e afirmação da vida? Ou ela tem sido utilizada como meio de assistencialismo e manutenção de interesses políticos e governamentais? Diante de tais questionamentos podemos segundo Dias (2020), pensar a educação sob a perspectiva estética em Nietzscheana, nos aproximando do pensamento e o fazer artístico como motivação da transvalorização do trabalho docente.

O autor então demonstra que pelo viés da arte é possível superar esta existência comum e buscar a aceitação do homem como ele é, em cada situação desta existência única. Aqui já denotamos a referência ao artista, que guiará a concepção de cultura de Nietzsche e vai nos possibilitar refletir a educação pelo viés da arte e do trágico (DIAS, 2020, p. 49).

Para o pensador o fazer educativo começa com a relação professor e aluno em convivência nas salas de aulas, em que, em sua maioria, as relações não são dialógicas, os alunos costumam ser moldados em um profundo silêncio como objetos construídos em série, sem nenhuma percepção da vida em seu redor, sendo que o sujeito faz parte da vida e está inserido nela, e é por esses princípios que a educação deveria se guiar.

O sujeito precisa ter a percepção de seu “eu”, suas necessidades, seu lugar no mundo, precisa ser emancipado para não cair nas massas não críticas presentes em nossa sociedade, do sentimento de auto-piedade. “Nesse ponto Nietzsche vai contrapor esta característica dos homens em geral a figura do artista. Os artistas são aqueles que vão escapar desta má-consciência sobre si mesmo e da inércia das opiniões prontas”. (DIAS, 2020. p. 48).

Podemos perceber que para o filósofo, escapar de todas as forças que incidem sobre o sistema educacional e à própria escola requer uma formação que esteja desconectada da má-consciência que temos nos ambientes educacionais, é preciso ser como os artistas que são capazes de inventar e se reinventarem sempre quando necessário, ser criativo e criadores de

mudanças e inovações. “E a arte é um modo de educar que considera a vida, a educação estética se configura como a verdadeira educação” (DIAS, 2020, p. 50).

Durante a vida e formação humana podemos perceber muitos jovens que se sentem reprimidos pela imposição de valores que se apresentam totalmente desconectados da realidade, e a alma jovem almeja sua emancipação e os perturba dia e noite por mudança e transformação, até que um dia ele se fecha e essa força se acaba, e o educador é aquele em que proporcionará a libertação a seus discípulos. “Vemos que em Nietzsche o segredo de toda formação e educação deve ser uma libertação” (DIAS, 2020, p. 51).

Portanto uma verdadeira educação precisa partir da construção constante de si mesmo, um modo de viver, uma forma de superar a cultura vigente. “Com Dioniso, Nietzsche reivindica a necessidade de destruição e criação, mudança e vir-a-ser” (DIAS, 2020, p. 53).

A educação em Nietzsche precisa ser significativa aos alunos. “Toda educação que não tenha o critério da vida, da sua afirmação, deve ser questionada” (DIAS, 2020, p. 57), a educação assim como a vida precisa ser um fenômeno decorrente do vir a ser, do destruir-se e reconstruir-se, dessa forma toda a educação que negar à vida precisa então ser ressignificada, transvalorada.

4 Considerações finais

A pesquisa possibilitou investigar se existe a presença do Nihilismo cultural no contexto educacional e se há, qual sua relação com a formação para a profissão docente na Educação Básica. Diante desses apontamentos pudemos observar que, sobre o olhar Nietzscheano a presença do Nihilismo cultural está presente no cotidiano educacional como sintoma de um mal-estar entre os profissionais da educação, mal-estar que é causado pela influência política dos Estados e também por comportamentos reproduzidos nos ambientes educacionais.

Sabemos que as instituições de ensino brasileiras sofrem influência do mercado na formação e na Gestão Educacional, no entanto, temos como objetivo propor um rompimento com tais valores que influenciam diretamente na formação dos alunos nas escolas em especial nas escolas públicas.

O currículo direciona o trabalho docente, e o profissional da educação percebe muita dificuldade para modificar ou romper com tal cultura organizacional que se instala no cotidiano dos profissionais e que estão a controlar suas ações.

No entanto, é preciso que o professor perceba a importância de sua formação para o trabalho de emancipação educacional frente a seus alunos. Sabemos que as práticas

educacionais com base em reprodução de técnicas não conseguem suprir as necessidades dos estudantes frente à pressão sofrida pela sociedade em relação à cultura do mercado nem trazer um ensino emancipador. A indústria cultural age sobre os indivíduos levando-os a um processo de consumo estimulado pela influência capitalista de produção em todos os aspectos sociais, e inclusive nos processos de formação educacional.

A mídia nos apresenta relações humanas carregadas por uma cultura preconceituosa e violenta reforçando práticas infundidas por uma cultura europeia dominante, e essas práticas são presenciadas no meio social. Nos ambientes escolares também podemos observar tais comportamentos reproduzidos por estudantes e até mesmo pelos professores/as que atuam na educação básica, a discriminação, a violência física, psicológica, verbal e simbólica estão se instaurando no interior das instituições e representam a influência da cultura presente também na ação pedagógica, demonstrando deficiências em sua formação, uma formação que não consegue romper com os valores culturalmente instalados sobre o pensamento das pessoas, uma cultura que tende a definir o que é bom, o que é belo e quais valores devemos aceitar como certos e reproduzi-los em nossas práticas educacionais.

Por fim, esperamos a partir de uma perspectiva estética educacional pensar a importância da criticidade na formação para professores, na construção de valores que contribuam para a formação de sujeitos e na construção da sociedade que traga dignidade e respeito a todos.

A importância do artigo se dá pelo fato de se pensar a profissão docente sobre a perspectiva estética buscando colaborar com a formação para professores/as, estimulando o pensamento sobre como se construir ambientes e espaços aos quais os estudantes possam sentir o desejo de aprender e os professores o prazer em ensinar, em que a profissão docente tenha sentido, seja na alegria ou no trágico, pensando sempre a resolução de problemas de uma forma crítica e dialógica, buscando sempre encontrar sentido na profissão e na própria existência humana.

REFERÊNCIAS

BETLINSKI, Carlos. O devir trágico na educação escolar: Especulações filosóficas aplicadas à educação a partir da concepção de tragédia em Nietzsche. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 291-313, abr., 2013.

DIAS, Célia. **A educação em Nietzsche: o professor libertador e o educar dionísio**. Pelotas, v. 7, p. 45-63, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRADE, Elaine das Graças. **Textos e contexto do simpósio de pesquisa em educação**. 1ª. ed. Lavras: Center Gráfica / Editora Indi, 2019. v. Único. 153p.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra tragédia nietzschiana**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, 176p.

MASCELLO, Leonardo. A estética de Frederico Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. 36 n. 1, p. 131-137, 2015.

MEIRELES, Ildenilson. Transvalorização e redenção na Filosofia da Nietzsche. **Philosophos**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 85-106, jul./dez, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo, 2011. Companhia das Letras.

_____. **Genealogia da moral uma polêmica**. 2009. São Paulo: Companhia das Letras. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:rmiHEZczsQgJ:https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80134.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 26 fev. 2021.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 88.

SAFATLE, Vladimir. Adorno e a crítica da cultura como estratégia da crítica da razão. **Arte Filosofia**, Ouro Preto, v. 4, n. 7, p. 21-30, 2009.

SANTOS, Yara Magalhães dos; SILVA, Sérgio Pereira da. O niilismo nietzschiano como mais uma referência analítica para a compreensão do fenômeno do mal-estar docente. **Revista Conjectura: Filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 19, n. 1, p. 139-156, jan./abr., 2014.